

# Guia mostra que a velha Arena controlaria o novo Congresso

CORREIO BRAZILIENSE

13 JAN 1991

Caso ainda existisse, a Arena — partido criado pelo movimento militar de 1964 para lhe dar sustentação política — teria, no Congresso que se instala em 1º de fevereiro, a maioria das cadeiras do Senado, com 27 parlamentares contra 23 do PMDB, e a terceira maior bancada da Câmara, com 77 deputados contra 108 do PMDB e 82 do PFL. Essa é uma das conclusões mais interessantes da leitura do Guia do Congresso, que está sendo lançado, em forma de disquete, pela empresa Cap Software, com detalhados perfis dos parlamentares eleitos em 3 de outubro.

Os disquetes têm sido procurados principalmente pelas empresas de lobby localizadas em Brasília, mas o primeiro a consultá-los foi o presidente Fernando Collor — a Cap Software já trabalhou na campanha e agora presta assessoria direta ao Presidente. Mas o livro eletrônico de Collor tem uma diferença em relação aos demais que estão sendo colocados no mercado com o preço de lançamento de 1 mil 500 BTNs por assinatura: na parte em que é descrito o comportamento dos congressistas durante a votação do Plano Collor, o Presidente pôde entrar no programa e dar notas a cada um. No caso do deputado José Thomaz Nonô (PFL-AL), seu adversário na política alagoana, que votou contra todas as medidas provisórias do plano, Collor não pensou duas vezes e lhe atribuiu a nota zero.

O ex-governador Miguel Arraes (PSB), deputado federal eleito mais votado de Pernambuco, com 339 mil 197 votos, é descrito como “um dos expoentes da política brasileira na articulação de bastidores”, político cauteloso, excelente negociador, mas pouco afeito ao “trabalho de plenário”. Já o deputado e ex-ministro da Fazenda Delfim Netto (PDS-SP) “tem postura independente, sem seguir nenhuma lide-

rança política”, enquanto o ex-presidente José Sarney, eleito senador pelo PMDB do Amapá, é apresentado como “político titubeante”, de poucas iniciativas quando chefiou o governo, mas que “mostrou-se sempre tolerante”.

Mas há também informações pitorescas, desconhecidas do grande público. O presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães (SP), por exemplo, é cidadão honorário de New Orleans (EUA), ostenta a Ordem de São Gregório — a maior comenda papal para civis — e é o presidente nacional de honra da Associação Brasileira dos Detetives Profissionais, inspetores e agentes de segurança.

De acordo com o Guia do Congresso, 92,59 por cento dos parlamentares possuem nível de escolaridade superior, 20,98 por cento (22 senadores) já exerceram o cargo de governador de estado, e 71 por cento têm mais de 50 anos de idade. Os advogados são maioria no Senado, com 22 representantes, seguidos dos professores, com dez. Apenas oito se declararam empresários. Há ainda um aviador, Hélio Campos (PMN-RR), e um teólogo, Mansueto De Lavor (PMDB-PE).

Na Câmara, 85 por cento dos deputados têm curso superior (a maior parte oriunda da região Sudeste, com 31,61 por cento), 28 por cento já exerceram o cargo de prefeito ou vereador (apenas nove foram governadores) e a grande maioria — 356 deputados — está na faixa de idade compreendida entre os 40 e os 60 anos (182 têm entre 40 e 50 anos). Os advogados, em número de 97, também são maioria na Câmara, seguidos de 87 que se declararam empresários. Mas há também um músico, José Vicente (PDT-RJ), filho de Leonel Brizola, que, segundo o Guia, é “considerado bom guitarrista”.

O cruzamento das informações do livro eletrônico

permite a conclusão de que o futuro Congresso terá maioria conservadora, sobretudo se for analisada a origem partidária dos parlamentares: Na Câmara, 77 já pertenceram à Arena, que o ex-deputado mineiro Francelino Pereira chamava de “o maior partido do Ocidente”, e 117 são oriundos do PDS, o que lhe garantiria, na próxima legislatura, a maior bancada (o partido emagreceu depois de ter perdido a parcela que foi para o PFL, e terá apenas 42 deputados na futura Câmara). A situação é idêntica no Senado, onde 27 senadores vieram da Arena e 17 do PDS.

A maioria dos campeões de voto para a Câmara, na eleição de 3 de outubro, é constituída de políticos sem nenhuma expressão nacional, que tiveram atuação discreta — os reeleitos — durante sua passagem pelo Congresso e, de um modo geral, receberam baixas notas por suas votações na Assembleia Constituinte em favor dos trabalhadores, dadas pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). As exceções são os deputados José Serra (PSDB-SP), Miguel Arraes (PSB-PE), Waldir Pires (PDT-BA), Ronaldo Caiado (PSD-GO), Rita Camata (PMDB-ES), Cidinha Campos (PDT-RJ) e Roseane Sarney (PFL-MA). Os demais — todos os mais votados em seus estados — são ilustres (ou quase) desconhecidos.

No grupo restrito de campeões de voto há personagens folclóricos, como revelam os perfis apresentados pelo Guia de Congresso. Caso, por exemplo, de Benedito Pinga Fogo (PRN-PR), eleito com 58 mil 817 votos. Há 14 anos, Benedito Cláudio de Oliveira “ganhava a vida como guarda-noturno em Jandaia do Sul, na região norte do Paraná”. Um dia, por brincadeira, fez um teste de microfone foi aprovado como repórter. Como considerasse seu nome comprido demais, inventou o apelido Pinga Fogo. Foi um sucesso.